

## **QUANTAS VEZES, O QUE E COMO A SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL FEMININO FOI NOTICIADA? ANALISANDO A COBERTURA ESPORTIVA DA FOLHA DE S.PAULO EM 2015**

Miguel Archanjo de Freitas Jr.<sup>1</sup>

Bruno José Gabriel<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste estudo foi verificar e analisar quantas vezes, o que e como a seleção brasileira de futebol feminino e as suas jogadoras foram noticiadas, durante o ano de 2015, pelo caderno de esporte da Folha de S.Paulo. Para tanto, optou-se pelos desígnios metodológicos da Análise de Conteúdo, pois estes direcionam os pesquisadores na verificação analítica dos diversos tipos de discursos, entre eles o jornalístico. Diante da análise dos resultados, concluiu-se que tal cobertura foi caracterizada pelo baixo número de publicações, e pela construção de realidades ausentes de disposições preconceituosas. As suas abordagens preponderaram sobre os desempenhos da equipe e das atletas brasileiras.  
**Palavras-chave:** Futebol feminino; Jornalismo; Folha de S.Paulo; Gênero.

### **HOW MANY TIMES, WHAT, AND HOW WAS BRAZILIAN WOMEN'S NATIONAL SOCCER TEAM REPORTED? ANALYZING THE SPORTS COVERAGE OF FOLHA DE S.PAULO IN 2015**

**Abstract:** The aim of this study was to verify and analyze how many times, what, and how the Brazilian women's national soccer team and its players were reported by the sports section of Folha de S.Paulo in 2015. To that end, was opted for the use of methodological purposes of the Content Analysis, because they direct the researchers in the verification and in the analysis of the several types of discourses, among them, the ones found in newspapers. Through the treatment of the results, it was concluded that such coverage was characterized by the low number of published articles, and by the construction of absent realities of prejudices. Its approaches prevailed on the performances of Brazilian team and its athletes.

**Keywords:** Women's soccer; Journalism; Folha de S.Paulo; Gender.

### **¿CUÁNTAS VECES, QUÉ Y CÓMO LA SELECCIÓN BRASILEÑA DE FÚTBOL FEMENINO FUE RELATADA? ANALIZANDO LA COBERTURA DE LA FOLHA DE S.PAULO EN 2015**

**Resumen:** El objetivo de este estudio fue verificar y analizar cuántas veces, qué y como la selección brasileña de fútbol femenino y sus jugadoras fueran relatadas por el cuaderno deportivo del periódico Folha de S.Paulo en 2015. Por lo tanto, se optó por la adopción de los propósitos de la metodología Análisis de Contenido, porque esta dirige el investigador en la verificación analítica de los varios discursos, entre ellos el periodístico. A través del tratamiento de los resultados, se concluyó que tal cobertura fue caracterizada por la poca cantidad de materias publicadas y por la construcción de realidades ausentes de prejuicios. Sus enfoques predominaron sobre los desempeños del equipo y de las atletas brasileñas  
**Palabras clave:** Fútbol femenino; Periodismo; Folha de S.Paulo; Gênero.

---

<sup>1</sup> Professor doutor da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Brasil. E-mail: [mfreitasjr@uepg.br](mailto:mfreitasjr@uepg.br).

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Brasil. E-mail: [brunogabriel\\_uepg@hotmail.com](mailto:brunogabriel_uepg@hotmail.com).

## Introdução

É inegável a elevada significância cultural que o futebol adquiriu no Brasil no decorrer do século XX. Apesar de caracterizar-se inicialmente como uma prática elitizada, a partir de meados da década de 1920, ele se popularizou de tal forma tornando-se o esporte nacional. (DAOLIO, 2003; RIBEIRO, 2003). Por conseguinte, passou a estar presente no cotidiano de toda população brasileira mediante um sistema de criação e interpretação de símbolos e práticas associadas, de modo algum desarticulado de outros aspectos sociais e culturais. (GUEDES, 1982).

Essa situação é mais facilmente observada durante a participação da seleção brasileira em uma Copa do Mundo, pois a rotina laboral e a arquitetura das cidades são significativamente alteradas. As empresas, as residências, as escolas, as universidades, os clubes e o comércio, entre outros segmentos da sociedade, praticamente param para torcer pelo país, integrando o verde e o amarelo aos seus respectivos cotidianos.

Neste momento, o futebol sobrepõe claramente os limites territoriais do campo de jogo mediante tomadas de posição acerca dele realizadas. Dentre estas, estão os diversos tipos de coberturas jornalísticas, produções capazes de construir e/ou reforçar realidades sociais desdobradas em afirmações, superstições, crenças, mitos, ideias, valores, significados, significâncias e representações referentes e transcendentais ao subcampo futebolístico.

Entretanto, ao observar a quantidade de publicações nas páginas dos jornais impressos, torna-se evidente o contraste cultural adquirido pelo futebol quando acrescido do vocábulo feminino. O futebol feminino, exceto em algumas situações pontuais, como na disputa final do Pan-Americano de 2007, Brasil *versus* Estados Unidos (EUA), assistida por aproximadamente oitenta mil torcedores no Estádio do Maracanã,<sup>3</sup> não dispõe da mesma significância cultural que o masculino. Assim, acaba obtendo nenhuma ou uma baixa visibilidade nesses veículos comunicacionais.

Ao tratar dessa temática, Gabriel (2015); Moura (2003) e Mourão e Morel (2005), demonstraram que os jornais impressos brasileiros têm produzido coberturas efêmeras acerca do futebol feminino desde as décadas iniciais do século XX. Os autores também salientaram que o conteúdo discursivo das publicações foi preconceituoso em alguns momentos, objetivando contribuir com o *habitus* individual e social requisitantes do impedimento ou da adaptação da mulher em relação à prática do futebol.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Dado extraído de uma matéria publicada no jornal Folha de S.Paulo após a conquista do bicampeonato Pan-Americano pela seleção brasileira. Cf. RANGEL, S.; TORRES, S. Seleção e torcida dão espetáculo na conquista do bi. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 27 jul. 2007. Caderno PAN Rio 2007. p. D1.

<sup>4</sup> Ao longo dos períodos históricos brasileiros o *habitus* individual e social requisitantes do impedimento e/ou adaptação da mulher em relação à prática do futebol foi materializado por meio de diversas ações. Por exemplo, o decreto-lei 3.199, de 1941, que em seu quinquagésimo quarto artigo designou que as mulheres estavam proibidas de praticar desportos incompatíveis com as condições de sua natureza (o futebol era um destes). Cf. GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Rev Bras Educ Fis Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, abr./jun. 2005.

Diante desta contextualização, o objetivo deste estudo foi verificar e analisar quantas vezes, o que e como a seleção brasileira de futebol feminino e as suas jogadoras foram noticiadas, durante o ano de 2015, pelo caderno de esporte da Folha de S.Paulo. Para tanto, optou-se pelos desígnios metodológicos da Análise de Conteúdo (AC), pois estes direcionam os pesquisadores na verificação analítica dos diversos tipos de discursos, entre eles o jornalístico.

Ao considerar os poderes dos sentidos produzidos pelos principais veículos comunicacionais, entende-se que a justificativa para a realização desta pesquisa esteve alicerçada na compreensão da influência da cobertura esportiva da Folha de S.Paulo na reestruturação de uma realidade preconceituosa, atributiva ao futebol os epítetos masculino e masculinizante. Realidade esta, que diante da possível internalização pelos *habitus* sociais e individuais generificados, pode atuar no impedimento ou na restrição das possibilidades femininas relacionadas à modalidade.<sup>5</sup>

## Metodologia

Bardin (2011) definiu a AC como um conjunto de instrumentos metodológicos de análise das comunicações, que visa obter, por intermédio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) permissíveis de inferências sobre os conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas. O fator comum destes instrumentos múltiplos e multiplicados é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução, a inferência.

Nesse sentido, aplicaram-se os instrumentos referentes às diferentes etapas que constituem a organização analítica da AC, estruturada em torno de três polos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material e os tratamentos dos resultados, as inferências e as interpretações.

Durante a pré-análise, etapa organizacional do material empírico, foram realizadas as três missões necessárias, que não são sucedidas, obrigatoriamente, segundo uma ordem cronológica. Quais sejam, a escolha dos documentos analisados, a indicação do(s) objetivo(s) e a eleição dos índices e dos indicadores que fundamentaram a análise final.

Todas as decisões supracitadas resultaram da realização dos procedimentos das cinco subetapas da pré-análise. Iniciou-se pela primeira, denominada de leitura flutuante. Leitura flutuante é a designação nominal atribuída ao contato inicial e ao conseguinte conhecimento textual do documento a analisar deixando-se invadir por impressões e orientações. (BARDIN, 2011).

Ao objetivar a verificação analítica da cobertura jornalística impressa produzida acerca da individualidade e da coletividade da seleção brasileira

---

<sup>5</sup> Algumas pesquisas mostraram como as coberturas jornalísticas esportivas influenciam na reestruturação de realidades sociais preconceituosas, e como estas impactam na percepção, na apropriação e na ação dos agentes, referentes às possibilidades das mulheres nos esportes. Cf. KINIJNIK, J. D.; SOUZA, J. S. S. de. Diferentes e desiguais: relações de gênero na mídia esportiva brasileira. In: SIMÕES, A. C.; KINIJNIK, J. D. (Orgs.). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho*. São Paulo: Aleph, 2004. p. 191 212.

de futebol feminino, escolheu-se a Folha de S.Paulo como o único documento a analisar. Entre os jornais estruturados no campo jornalístico impresso, definiu-se apenas este jornal como material devido o volume de capital simbólico acumulado nas conjunturas precedentes, resultando na sua disposição em um dos veículos comunicativos diários de abrangência nacional mais influentes na sociedade brasileira à época.<sup>6</sup>

A significância da Folha de S.Paulo pode ser constatada mediante os dados divulgados pelo Índice Verificador de Circulação (IVC). Em 2015 este foi o jornal diário mais lido no Brasil, com circulação média de 355,9 mil exemplares.

O contato inicial e o conhecimento textual do jornal ocorreram por intermédio do seu acervo virtual,<sup>7</sup> que disponibiliza as suas versões impressas de maneira digitalizada. Primeiramente, todas as edições de janeiro foram lidas na íntegra, tomada de posição que direcionou a realização da subetapa subsequente, denominada de escolha dos documentos. E, a partir desta, definiu-se o *corpus* da pesquisa.

Diante das impressões e orientações emergidas durante a leitura fluante, articuladas ao conhecimento das lógicas de funcionamento específicas dos diferentes cadernos temáticos constituintes do jornal,<sup>8</sup> definiu-se que o *corpus* da pesquisa seria estruturado pelas matérias (colunas, entrevistas, notas, notícias e reportagens) publicadas no caderno de esporte, entre 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2015, que abordaram ou mencionaram de alguma maneira a seleção feminina e as suas jogadoras. Vale ressaltar que, a partir desta definição, apenas o caderno esportivo passou a ser lido na íntegra, pois não foi utilizado nenhum mecanismo de busca para auxiliar na coleta das matérias.

A escolha da baliza temporal justifica-se, pois corresponde ao ano em que a seleção feminina disputou três campeonatos importantes, a Copa do Mundo, organizada pela *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), os Jogos Pan-Americanos, estruturado pela Organização Desportiva Pan-Americana (ODEPA), e o Torneio Internacional de Futebol Feminino, organizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Já a opção pelo caderno de esporte deveu-se a dois motivos. O primeiro foi a especificidade do seu conteúdo discursivo, nutrido pelo jornalismo esportivo.<sup>9</sup> O segundo foi a sua significância perante o público leitor, pois, ainda que limite

---

<sup>6</sup> Cf. IVC. Disponível em: <http://ivcbrasil.org.br/default.asp?85728>. Acesso em: 18 jul. 2016.

<sup>7</sup> Cf. ACERVO. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/>. Acesso em: 19 jul. 2016.

<sup>8</sup> A Folha de S.Paulo é estruturada por oito cadernos diários, Ciência + Saúde, Cotidiano, Esporte, Folha Corrida, Ilustrada, Mercado, Mundo e Poder, e dez suplementos, Carreiras e Empregos, Comida, Equilíbrio, Folhinha, Ilustríssima, Imóveis, Tec, The New York Times International Weekly, Turismo, Veículos.

<sup>9</sup> O jornalismo esportivo é estruturado com particularidades que o distinguem de outros. Por exemplo, durante a produção dos seus discursos, a subjetividade do jornalista esportivo é menos regulada institucionalmente, tornando menos grave a demonstração do time do coração pelo profissional do esporte do que a preferência de um editor de política por um candidato ou partido. Cf. GASTALDO, É. L.; LEISTNER, R. “A mais gaúcha de todas as Copas”: identidades brasileiras e imprensa esportiva na Copa do Mundo. *Interin*, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 1-16, jan./jul. 2006.

considerações generalizantes quanto a Folha de S.Paulo em sua totalidade, trata-se de uma das seções mais lidas entre aquelas que a conformam.<sup>10</sup>

As tarefas da pré-análise foram encerradas por intermédio da referência dos índices (temáticas) e dos indicadores (presença ou ausência e frequência), da coleta das matérias e da preparação do material empírico, quarta e quinta subetapas, respectivamente. Na sequência, efetivaram-se as da etapa subsequente, denominada de exploração do material. As tarefas desta etapa consistem, essencialmente, em operações de codificação, desconto ou enumeração, relacionadas às escolhas anteriores.

Para explorar determinado documento é preciso tratá-lo. Tratar os dados empíricos significa codificá-los. Segundo Bardin (2011), codificação corresponde à transformação dos dados em bruto do texto, utilizando algumas regras. Transformação esta que por recorte, agregação e enumeração permite que o pesquisador atinja a representação, a expressão e a significação dos conteúdos dos textos, esclarecendo as suas características, as quais podem servir de índices.

A organização da codificação correspondeu a três definições: 1. O recorte: referiu-se as unidades de registro (UR) e as unidades de contexto (UC); 2. A enumeração: referiu-se as regras de contagem; 3. A classificação e a agregação: referiu-se as categorias analíticas.

As UR correspondem às unidades de significação a codificar, ao segmento do conteúdo a considerar como base, visando a categorização e a contagem frequencial. Estas podem ser de natureza e de dimensões muito variáveis, mas, normalmente, representam um recorte semântico, que pode ser estabelecido antes ou durante a leitura dos textos constituintes do *corpus* da pesquisa. Levando em consideração tais aspectos, definiu-se que as UR desta pesquisa seriam as temáticas centrais abordadas pelas publicações.

Já as UC correspondem aos segmentos dos textos cujas dimensões (superiores as da UR) são adequadas para apreender a significação exata da UR. Por conseguinte, definiu-se que os textos das publicações em sua totalidade seriam as UC das UR encontradas.

Definidas as UR e as UC, efetivou-se a contagem das UR (o que normalmente se conta) encontradas, embasada na associação entre as regras de enumeração denominadas de presença (ou ausência) e frequência, clarificando as suas visibilidades. Diante dessas definições, optou-se pela manutenção das designações das temáticas encontradas, CBF (1),<sup>11</sup> competição (2), dirigente(s) (1), esporte(s) (1), ingresso(s) (1), jogadora(s) (7), múltiplas (10),<sup>12</sup> patrocínio (1), premiação (1), remuneração (1) e seleção

---

<sup>10</sup> Esta informação foi extraída do ícone Cadernos diários, seção do site da Folha S.Paulo destinada a apresentação das ementas dos diversos cadernos temáticos que constituem a sua estrutura impressa. Disponível em: [http://www1.folha.uol.com.br/institucional/cadernos\\_diarios.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/institucional/cadernos_diarios.shtml). Acesso em: 20 jul. 2017.

<sup>11</sup> Os números alocados entre parênteses expressam a quantidade de vezes que a temática foi a abordagem central de uma matéria em relação ao total (29) encontrado.

<sup>12</sup> Consideramos que a temática emergente de uma matéria receberia a designação nominal múltiplas quando emergisse dois ou mais temas centrais do mesmo texto.

brasileira (3), como o título geral das categorias nas quais as UR ficaram agrupadas.

Na sessão subsequente à próxima, duas ações foram realizadas de maneira cronológica: 1. Descrição e análise estatística das UC; 2. Descrição e análise textual das UC referente às UR agrupadas nas categorias seleção brasileira e jogadoras, pois estas coadunam com as objetivações desta pesquisa. No entanto, esta última delimitação não impediu que os trechos das matérias alocadas em outras categorias fossem utilizados para complementar a análise.<sup>13</sup>

Por meio destas duas (2) ações efetivou-se os tratamentos dos resultados, as inferências e as interpretações, últimas tarefas metodológicas da AC. Antes, porém, buscou-se compreender algumas características do campo jornalístico, do jornalismo e da Folha de S.Paulo, embasando-se no referencial teórico bourdieusiano. Os pressupostos desta teoria coadunam com os metodológicos da AC, pois também externalizam contrariedade à ilusão da transparência dos fatos, à compreensão espontânea dos fenômenos da sociedade, à evidência do saber subjetivo, à intuição em proveito do construído e à sociologia ingênua.

### **Campo jornalístico, jornalismo e Folha de S.Paulo**

Todos os campos, entre eles o jornalístico, se apresentam a apreensão sincrônica como espaços estruturados de posições (ou postos) cujas propriedades dependem das suas distintas posições nessa estrutura, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por eles). Não obstante, estes espaços sociais extremam-se pelo confronto entre agentes inseridos na estrutura, disputando um objeto (maior média de circulação/influência social, entre outros), que estão aptos para tal ocorrência e dotados de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes das disputas. (BOURDIEU, 1983).

Segundo Bourdieu (1983, p. 94), *habitus* correspondem aos “sistemas de disposições” adquiridas pelas aprendizagens (implícitas ou explícitas) que funcionam como “sistemas de esquemas geradores”, gerando estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido concebidas para este fim. Vale ressaltar que os *habitus* dos ocupantes das posições jornalísticas são estruturados com generalidades do campo e com especificidades da sua posição nesse espaço, como a ética requisitada na produção de qualquer tipo de jornalismo e a conformação deste à uma política editorial.

A Folha de S.Paulo autodeclara por intermédio de manual de redação que, além de ética, a produção do seu jornalismo como um todo adota quatro princípios editoriais. O princípio crítico designa que as realidades dos fatos são construídas de um ponto de vista crítico, comparando fatos, estabelecendo analogias, identificando atitudes contraditórias e veiculando

---

<sup>13</sup> Por exemplo, algumas das matérias alocadas na categoria múltiplas subdividiram os corpos dos seus textos, tendo tanto a seleção brasileira quanto as jogadoras como abordagens centrais.

diferentes versões sobre o mesmo acontecimento. O pluralista designa que as múltiplas interpretações provenientes de uma sociedade complexa devem ser publicadas no jornal. O partidário significa que o veículo não se atrela a grupo, tendência ideológica ou partido político, e procura adotar posição clara em toda questão controversa. Já o moderno significa a introdução na discussão pública de temas que não tinham ingressado nesta, de novos enfoques, preocupações e tendências. (FOLHA DE S.PAULO, 2013).

Mas, o que se entende por jornalismo, produto objetivado no campo jornalístico pelos veículos comunicacionais? Traquina (2005, p. 19/20, grifo nosso) formulou uma resposta para esta indagação, fragmentando-a em duas partes distintas, entretanto, interdependentes. A primeira foi embasada em representações poéticas e a segunda nos pressupostos ideológicos dos jornalistas.

Poeticamente pode-se dizer que jornalismo é a vida, tal como é contada nas notícias de nascimentos e de mortes, tal como o nascimento do primeiro filho de uma cantora famosa ou a morte de um sociólogo conhecido mundialmente. É a vida em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia. Uma breve passagem pelos jornais diários vê a vida dividida em seções que vão da sociedade, a economia, a ciência e o ambiente, à educação, à cultura, à arte, [ao esporte], aos livros, aos *media*, à televisão, cobre o planeta com a divisão do mundo em local, regional, nacional (onde está essencialmente a política do país) e internacional. Um exame da maioria dos livros e manuais sobre jornalismo define as notícias em última análise como tudo o que é importante e/ou interessante. Isto inclui praticamente a vida, o mundo e o *outer limits*.

Os jornalistas responderiam prontamente, como define a ideologia profissional desta comunidade, que o jornalismo é a *realidade*. Há verdade nesta afirmação. Existe um acordo tácito entre os que escolhem essa profissão de jornalista e o leitor/ouvinte/telespectador que torna possível dar credibilidade ao jornalismo: o principal produto do jornalismo contemporâneo, a notícia, não é ficção, isto é, os acontecimentos ou personagens das notícias não são invenção dos jornalistas [...] dever-se-ia acrescentar rapidamente que muitas vezes essa “*realidade*” é contada como uma telenovela, e aparece quase sempre em pedaços, em acontecimentos, uma avalanche de acontecimentos perante a qual os jornalistas sentem como primeira obrigação dar resposta com notícias, rigorosas e se possível confirmadas, o mais rapidamente possível, perante a tirania do fator tempo.

Na sequência, o autor ainda argumentou que o jornalismo é condicionado pelas diversas particularidades do seu processo produtivo, como a cultura da sociedade transversal ao jornalista e as posições políticas e editoriais do veículo de comunicação no qual ele exerce a sua profissão. Esse argumento é compatível com as ideias provenientes das teorias da comunicação e do jornalismo defensoras de que este não é apenas um transmissor de realidades, mas, em complemento a essa função, um produtor de sentidos. Assim, o jornalismo atua sobre a realidade, construindo coberturas específicas em função das especificidades do seu produtor.

Borelli (2001) também corrobora com esta proposição, salientando que os veículos de comunicação podem construir os acontecimentos sociais. Construções estas que ao apreenderem e interpretarem os acontecimentos mobilizando rituais singulares acabam impregnando-os com os sentidos desejados. Por conseguinte, a autora valida a proposição de que as coberturas jornalísticas podem construir múltiplos acontecimentos (realidades) a partir de um fato único.

Alsina (1989) coaduna com essa proposição, salientando que o *mass media* tornou-se um dos principais instrumentos de construção social da realidade.<sup>14</sup> Segundo o autor, as coberturas dos jornais não se limitam a mediar a realidade para o público, pois atuam sobre ela, direcionando-a ao fim objetivado, realizando ações, omissões, falas e silêncios conscientes ou inconscientes.

Nesse sentido, Bourdieu (1996) afirmou que os discursos dos agentes sociais (indivíduos ou instituições) dispõem de poderes instituidores de realidades, e, por conseguinte, influenciadores nas possíveis internalizações das suas disposições quando, embasadas nos capitais simbólicos dos discursistas, as pessoas atribuem credibilidades a eles, autorizando-os nas efetivações dos efeitos supracitados. Segundo Gastaldo (2000; 2003), os poderes mencionados estão localizados, na contemporaneidade brasileira, em grande parte, nos discursos produzidos pelas coberturas jornalísticas, sobretudo naquelas produzidas pelos principais veículos comunicacionais do país.

Como consequência do processo de mediação da informação, é possível afirmar que os discursos dos jornais dispõem da capacidade de influenciar na estruturação e reestruturação dos *habitus* individuais e sociais generificados, os quais encontram-se subjacentes às percepções (as maneiras como uma situação é visualizada), as apropriações (como estas são julgadas) e as ações (as diversas maneiras de agir em função das experiências armazenadas).

Segundo Scott (1995), o gênero é elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e uma forma primária de dar significado às relações de poder. Nesse contexto, o gênero tem sido também utilizado como alusão às construções sociais e culturais alicerçadas nos caracteres biológicos distintivos dos humanos. Assim, ao internalizarem as disposições das realidades socialmente instituídas, em maior ou menor escala, as pessoas acabam estruturando e reestruturando *habitus* masculino e feminino. Por sua vez, os seus desdobramentos práticos podem impedir ou restringir as possibilidades femininas relacionadas a tal modalidade.

Com base na contextualização teórica supracitada, tornou-se relevante verificar e analisar a cobertura esportiva da Folha de S.Paulo, um

---

<sup>14</sup> Com base na bibliografia apresentada nas pesquisas que problematizaram o jornalismo, Berger e Luckmann (2004) são as principais referências no tocante ao conceito e as ramificações da realidade social. Segundo esses autores, a realidade social corresponde à qualidade que estrutura os fenômenos que as pessoas reconhecem ter um “ser” independente das suas volições. Cf. BERGE, P. L.; LUCKMAN, T. 2. ed. *A construção social da realidade*. Lisboa: Dinalivro, 2004.

dos jornais de maior influência perante os brasileiros, acerca da seleção brasileira de futebol feminino, individualmente e coletivamente, em 2015.

### **Resultados e discussão**

A quantidade de matérias levantadas reverberou a baixa periodicidade/visibilidade proporcionada à seleção brasileira, individualmente e coletivamente, pela cobertura esportiva da Folha de S.Paulo. Entre 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2015, foram efetivadas vinte e nove (29) publicações. (TABELA 1).

TABELA 1 – Quantidade e percentagem mensal sobre o total de publicações efetivadas pelo caderno de esporte da Folha de S.Paulo, em 2015, acerca da seleção brasileira e das suas jogadoras

<b>Meses</b>	<b>Número de publicações</b>	<b>Percentagem (%) sobre o número total de publicações</b>
<b>Janeiro</b>	5	17,24
<b>Fevereiro</b>	1	3,45
<b>Março</b>	1	3,45
<b>Abril</b>	0	0
<b>Maió</b>	3	10,34
<b>Junho</b>	10	34,48
<b>Julho</b>	3	10,34
<b>Agosto</b>	0	0
<b>Setembro</b>	0	0
<b>Outubro</b>	1	3,45
<b>Novembro</b>	2	6,90
<b>Dezembro</b>	3	10,34
<b>Total</b>	29	100

**Fonte:** Os autores

O número total (29) representa uma média mensal de 2,42, semanal de 0,55 e diária de 0,08 publicações efetivadas pela cobertura esportiva do

jornal. Esses resultados numéricos articulados aos proximais obtidos por alguns pesquisadores, como Almeida (2010); Gabriel e Freitas Junior (2013); Gabriel e Freitas Junior (2014); Gabriel (2015); Gabriel e Freitas Junior (2016) e Martins e Moraes (2007), permitem a inferência de que a baixa periodicidade/visibilidade proporcionada à seleção/futebol feminino mantém-se inalterada, independentemente do afrouxamento do preconceito, ainda bastante distante do ideal, em relação à modalidade no decorrer das temporalidades históricas, e da ocorrência de competições relevantes.

Segundo Kinijnik e Vasconcellos (2003), a baixa periodicidade/visibilidade proporcionada à seleção/futebol feminino nos diversos veículos jornalísticos está relacionada à inserção das mulheres em um campo que ao longo da história brasileira vem sendo considerado como próprio e propício ao gênero masculino. Por isso, nem os ótimos resultados alcançados pela equipe nas competições outrora disputadas, têm conseguido alterar essa condição.

Outro aspecto constatado refere-se à maior periodicidade/visibilidade da seleção brasileira e das jogadoras sazonal ao período de ocorrência das competições. No período precedente às competições foram publicadas 10 matérias (34,48%), durante as suas ocorrências 16 (55,17%) e depois dos seus encerramentos 3 (10,34%). Vale lembrar que nesse ano a equipe feminina disputou a Copa do Mundo, entre 6 de junho a 5 de julho, no Canadá, o PAN, entre 10 a 26 de julho, no Canadá, e o Torneio Internacional de Futebol Feminino, entre 9 a 20 de dezembro, no Brasil.

Martins e Moraes (2007) analisaram o número de publicações relacionadas à seleção brasileira de futebol feminino nos dois meses precedentes e durante a ocorrência dos Jogos Olímpicos de Atenas, realizados entre os dias 11 a 29 de agosto de 2004, em dois jornais impressos, O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo. Nos meses de maio e junho, estes veículos publicaram 5 matérias juntos. Em agosto houve uma avalanche de publicações, 64 no total, 29 no jornal O Estado de S. Paulo e 34 na Folha de S. Paulo. O período subsequente ao término da competição não foi analisado, mas ao verificarem que as matérias abordavam, exclusivamente, a equipe e as jogadoras brasileiras na disputa em andamento, os autores hipotetizaram que encerrada a competição, encerrar-se-ia também a visibilidade dada à modalidades e suas atletas.

De fato, em 2015, a visibilidade proporcionada à seleção brasileira e às suas jogadoras foi totalmente encerrada poucos dias após as disputas da Copa do Mundo e do Torneio Internacional de Futebol Feminino, exceção feita às 3 publicações efetivadas posteriormente aos Jogos Pan-Americanos. Por conseguinte, infere-se que durante as competições a modalidade adquire maior significância cultural, sendo esta, obviamente, correlativa à positividade da campanha coletiva e dos feitos performáticos individuais, resultando em produções jornalísticas sobre o tema. Mas, tão logo a eliminação/término na competição seja efetivada, esta volta a adquirir uma visibilidade extremamente baixa nas páginas dos jornais, pois a sua significância cultural retorna ao estado disposto anteriormente à competição.

A título comparativo, proporcionalmente a efetivação de publicações acerca da seleção brasileira e dos seus jogadores em anos de disputas competitivas são proximais as constatadas nesta pesquisa. Conforme detectaram Gabriel e Freitas Junior (2013), em 2010, nos meses antecedentes à ocorrência da Copa do Mundo, sediada na África do Sul entre 11 de junho e 11 de julho, foram encontradas 390 (51,79%), durante 223 (29,61%) e, posteriormente ao seu término, 140 (18,59%) publicações na Folha de S.Paulo, totalizando uma cobertura constituída por 753 matérias. Embora o fato de o Brasil ter sido eliminado pela Holanda nas quartas-de-final deva ser levado em consideração, houve uma inversão quanto ao período de maior visibilidade proporcionado à seleção masculina em relação à feminina pelo mesmo jornal.

Mesmo representando o período de maior visibilidade do futebol feminino em alguns jornais impressos, durante a ocorrência das competições o número de publicações normalmente é baixo. A média em relação às três disputadas durante o ano de 2015 foi de 5,33, reforçando a baixa periodicidade/visibilidade conferida pelo jornalismo esportivo da Folha de S.Paulo à modalidade, à seleção feminina e suas atletas.

Ao problematizar a invisibilidade da seleção brasileira de futebol feminino nos veículos de comunicação nacionais, entre eles a própria Folha de S.Paulo, independentemente do período, Jorge (2015) não apontou qualquer razão para a manutenção desta realidade ao longo das temporalidades históricas, apenas lançou a seguinte indagação: Será que a equipe/modalidade tem pouca periodicidade/visibilidade devido à falta de interesse do público ou será que este não demonstra interesse em função da cobertura pífia? Se, conforme afirmou Borelli (2001), os cadernos esportivos efetivam publicações das modalidades que dispõem de significância social, pode-se inferir que o futebol feminino ainda não adquiriu um *status* perante os brasileiros capaz de influir no aumento da sua visibilidade midiática. Logo, infere-se que uma resposta adequada para a indagação supracitada seja a falta de interesse do público.

Segundo Reis (2011), a falta de interesse do público pode ser modificada com a conquista de títulos relevantes, como o da Copa do Mundo e o dos Jogos Olímpicos. Mesmo respeitando essa posição, acredita-se que a alteração desse *status* e o aumento da periodicidade/visibilidade jornalística do futebol feminino estão associados à estruturação de diversas realidades interdependentes, que resultem em uma elevada popularização da modalidade e na consequente fomentação de praticantes e consumidores. São elas: a influência para a prática futebolística feminina pelas instituições escolares, esportivas, familiares, burocráticas (Estado e governos) mediante ações (objetos, aulas e políticas públicas, entre outras) e melhorias de infraestrutura e competições, e jornalísticas, com coberturas ausentes de discursos preconceituosos, estruturadores de realidades e *habitus* generificados, além da conquista de títulos relevantes pela seleção nacional.

Referente ao que e como foram noticiadas individualmente e coletivamente a seleção brasileira de futebol feminino, em janeiro, constatou-se, por meio da descrição analítica das UC delimitadas, que a temática jogadora(s) recebeu dois tipos de abordagem. No primeiro, em função da

premiação dos “melhores do ano”, organizada pela FIFA, em Zurique, na Suíça, o jornal informou de maneira bastante discreta que a “melhor jogadora foi [...] uma alemã, a meia Nadine Kessler – a brasileira Marta ficou em 2º lugar” (CRISTIANO..., 2015, p. D1), priorizando a terceira conquista de Cristiano Ronaldo na vertente masculina.

Infere-se que a postura adotada pelo jornal está relacionada ao declínio performático de Marta, considerada a melhor jogadora da história do futebol feminino brasileiro além de “heroína” e “ídolo nacional”, que desde 2011 perdeu o posto de melhor do mundo no campo futebolístico. Vale salientar que, no início de 2015, a Folha de S.Paulo apresentou uma ruptura na linearidade do seu conteúdo discursivo. Diferentemente do que ocorreu em outros momentos, os fracassos coletivos da seleção brasileira não foram apontados como influentes para a derrota individual de Marta. (FREITAS JUNIOR; GABRIEL; PEREIRA, 2015; GABRIEL, 2015).

Na segunda abordagem proporcionou visibilidade à constituição da “seleção permanente de futebol”, um projeto estruturado pela CBF, objetivando a disputa da Copa do Mundo, a ser realizada no Canadá, em 2015, e da Olimpíada, a ser realizada no Brasil, em 2016.

A CBF contratará 27 jogadoras de futebol que serão funcionárias da entidade na seleção permanente de futebol. Como se fosse um clube, a entidade pagará salários e dará a infraestrutura para treinos, visando a Copa do Mundo do Canadá, em junho de 2015, e principalmente a Olimpíada do Rio em 2016.

Ao mesmo tempo que fortalece a preparação da seleção, a entidade desfalcará os clubes que se preparam para a temporada de 2015.

A última frase do trecho mencionado da notícia levantou um efeito contraditório proporcionado pelo projeto. Ao mesmo tempo em que a preparação da seleção brasileira estava sendo fortalecida, proporcionando maior infraestrutura às jogadoras, que desfrutariam das atualizadas instalações e dos serviços dos diversos campos sociais inter-relacionados ao desempenho esportivo (psicologia, fisiologia e nutrição, entre outras) dispostos no centro de treinamento da CBF, as equipes e os campeonatos do país enfraqueciam, desfalcados das principais jogadoras do país.

Essa contradição, obviamente, respingava na estruturação do futebol feminino brasileiro. Os principais jogadores, comumente alcunhados de heróis, ídolos ou estrelas, são considerados fundamentais na emersão, produção e sustentação dos fenômenos de massa. Aliás, em território nacional, é impossível pensar a existência do futebol sem a presença desses agentes, pois são eles que estabelecem o elo entre esse esporte e a população. (GIGLIO, 2007; HELAL, 1998).

Na sequência, a matéria, alicerçada pelos princípios editoriais do jornal, sobretudo o moderno e o pluralista, deu voz a dois agentes, um contrário e outro favorável ao projeto constituinte da seleção permanente de futebol: “A CBF deveria valorizar os clubes, dar uma estrutura para que as jogadoras fossem formadas e deixassem o clube para servir a seleção. Sou contra o projeto”, disse Daniel Zero, diretor de futebol da Ferroviária.”

Ao que parece, Daniel Zero, preocupado com o futuro da modalidade, defendia a ideia de que a CBF estruturasse um projeto que objetivasse uma

melhor estruturação do campo futebolístico feminino, fortalecendo os seus postos, em específico as equipes clubísticas (categorias de base e profissionais), que poderiam revelar novos talentos e manter, dentro das possibilidades do mercado, as principais jogadoras em atividade no Brasil. Por conseguinte, as selecionadas representariam a seleção nacional, lógica de funcionamento semelhante a do campo futebolístico masculino.

Já Fabrício Maia, coordenador técnico de seleções femininas da CBF, preocupado com o momento, defendeu a aplicação prática do projeto, salientando que além das jovens jogadoras terem maiores oportunidades, não necessariamente as principais atletas brasileiras atuariam no país, pois os estruturados campeonatos estrangeiros poderiam contratá-las a qualquer momento.

“A maioria das jogadoras que contratamos deixaria o Brasil para jogar nos EUA. O projeto é o ideal para esse momento. E pode fazer com que os clubes formem elencos com jogadoras mais novas”, disse Fabrício Maia, coordenador técnico de seleções femininas da CBF.

Para as jogadoras é vantajoso financeiramente defender a “CBF Futebol Clube”. O piso para participar da seleção é de R\$ 9.000 mensais, enquanto a média que uma jogadora recebe para defender um clube como a Ferroviária é de R\$2.500. (CBF..., 2016, p. D2).

A partir da exposição da diferença das médias salariais da seleção permanente, denominada de “CBF futebol clube”, e da Ferroviária de Araraquara, R\$9.000 *versus* R\$2.500, a notícia ressalta que, do ponto de vista financeiro, para as jogadoras, momentaneamente, o projeto era vantajoso. Mas, e o futuro das jogadoras e da modalidade? Parece que a CBF acabou reconhecendo que o seu projeto precisava ser, no mínimo, flexibilizado, pois realizou um *draft*, evento no qual as jogadoras da seleção que estavam sem time foram alocadas, por sorteio, nas equipes que chegaram à fase final do Campeonato Brasileiro 2015.<sup>15</sup>

Em fevereiro a abordagem referente à temática jogadora(s) centrou-se exclusivamente em Marta. Em decorrência do aniversário simultâneo da jogadora e do ex-jogador Sócrates, Kfoury (2015, p. D4) escreveu o seguinte em sua coluna:

Dois dos maiores jogadores da história do futebol mundial nasceram neste dia 19.

Sócrates faria 61 anos. Marta completa 29 [...]

A Pelé de Saia, nordestina, de Dois Riachos, nas Alagoas.

Marta tem uma marca no mundo do futebol que ninguém mais tem: foi cinco vezes consecutivas eleita a número 1 do planeta.

Marta [...] Heroína e desbravadora é, antes de tudo, uma forte. Ou melhor: antes de tudo, antes de Neymar virar o que virou, Marta era, entre brasileiras e brasileiros que jogam futebol, quem tinha o melhor domínio dos fundamentos do jogo.

<sup>15</sup> O evento voltou a ser realizado pela CBF em 2016. Cf. FEDERAÇÃO BAIANA DE FUTEBOL. *São Francisco se reforça com ídolo do futebol feminino brasileiro*. Disponível em: <http://www.fbf.org.br/noticias/3938,sao-francisco-se-reforca-com-idolo-do-futebol-feminino-brasileiro.html>. Acesso em: 03 ago. 2016.

O colunista reforçou a disposição de heroína internalizada no *habitus* dotado por Marta, alcunhada de “Pelé de Saia”, no subcampo futebolístico,<sup>16</sup> efeito de um desempenho altamente qualificado, tido, inclusive, como superior em relação aos jogadores contemporâneos a ela. Segundo Helal e Murad (1995), as sociedades contemporâneas são permeadas por heróis, que, devido a sua significância, tornaram-se referenciais para as nações. Por conseguinte, eles podem ser encontrados nos mais diversos campos, como no político, no esportivo e no jornalístico, entre outros. Este último, aliás, dada a função, a representatividade e a reciprocidade social adquirida pelos veículos de comunicação, atuam na legitimação dos heróis dos outros campos com bastante frequência. (HELAL, 1998a).

Mas, o que é um herói? Segundo Campbell (1995), o herói se caracteriza pela vivência de sua causa, direcionando-a à proteção, defesa e servidão do seu povo. O autor ainda complementou, salientando que o herói é aquele que parte do mundo cotidiano e se aventura em uma região de maravilha sobrenatural, onde arrasta forças fabulosas e alcança uma vitória decisiva. Posteriormente ele regressa da misteriosa aventura com o poder de conceder dádivas aos seus semelhantes. Helal (1998a), embasado em algumas obras de Campbell, afirmou que herói é quem conseguiu, lutando, superar os limites possíveis das condições históricas, culturais e pessoais de forma extraordinária, contendo nesta façanha uma necessária dose de redenção e glória de um povo.

Por que ele é uma referência? Tendo Helal (1998a) Helal e Murad (1995) como alicerce, infere-se que para o herói internalizar a disposição heroica no seu *habitus* é necessário que as pessoas acreditem na verdade que as suas façanhas afirmam. Logo, o mito do herói faz parte de uma inter-relação com as pessoas que o reverenciam. Sem essa inter-relação, o herói não se legitima enquanto tal, levando-nos a consideração de que na figura do herói estão agrupadas diversas representações da coletividade. Assim, ele torna-se uma referência da nação.

Como o jornalismo contribui na legitimação desse processo? Posteriormente à efetivação do ato heroico, muitas vezes, a produção jornalística edita a biografia do herói, tornando visíveis as características que condizem com essa condição (a origem humilde, a honestidade, a solidariedade, entre outros) e invisíveis as que não são condizentes (as maldades de uma forma geral). (HELAL, 1998a). Por meio dessa potencialização editada da imagem pública do herói nos jornais, veículos influentes no constante processo de reestruturação de realidades e *habitus* individuais e sociais, o jornalismo acaba contribuindo na legitimação desse agente.

Como ocorre em toda trajetória heroica, o ciclo de heroína de Marta foi encerrado em 2012 com a perda do posto de melhor do mundo, na eleição

---

<sup>16</sup> Para compreender a trajetória heroica e a idolatria de Marta no campo futebolístico feminino, e as suas relações com o jornalismo esportivo da Folha de S.Paulo. Cf. GABRIEL, B. J. *A cobertura acerca da seleção brasileira de futebol feminino realizada pelo caderno de esporte da Folha de S.Paulo (1991-2011)*. 2015, 252 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

da FIFA, para a japonesa Homare Sawa. (FREITAS JUNIOR; GABRIEL; PEREIRA, 2015). Entretanto, infere-se que os feitos de qualquer herói/heroína esportivo nunca serão apagados. Estes podem até ser momentaneamente esquecidos, mas, em alguns períodos especiais, entre os quais está o seu aniversário, serão lembrados, assim como o fez Kfourri (2015) em relação à Marta.

Nos meses de março e abril, apesar da publicação de uma matéria, não houve abordagem acerca das temáticas seleção brasileira e jogadora(s). Esta última voltou a ter visibilidade no caderno de esporte, em maio, por meio da publicação de uma entrevista que abordou a trajetória de vida da ex-capitã da seleção brasileira, Elane dos Santos.

Minha vida sempre foi um pouco diferente. O que mais amava era jogar futebol. Mesmo sendo menina, sempre fui uma das primeiras a ser escolhida nas partidas.

Futebol sempre foi um hobby, até que um dia, jogando na rua da minha casa, um olheiro me viu e disse que tinha talento e me chamou para jogar em um clube. Tinha apenas quinze anos, mas deste dia em diante minha vida nunca mais foi a mesma.

A jogadora reconheceu que a sua vida sempre foi um pouco diferente. O seu *habitus*, desdobrado em ações práticas, expressava um amor incondicional por uma modalidade esportiva considerada como própria e propícia ao gênero masculino, principalmente nas décadas de 70 e 80, período correspondente a sua infância e ao início da sua adolescência, além de limitações sociais mais efusivas para as mulheres em relação à sociedade contemporânea. Segundo Knijnik (2011), existe um sistema de construção cultural generificado que perpassa os diversos campos, e, desde o nascimento, atua na manutenção da ordem e do *status quo* na hierarquia de gêneros, demonstrando que as interações entre o masculino e o feminino são traduzidas em complexas relações de poder.

A generificação cultural, permeada por complexas relações de poder, separa os mundos masculino e feminino, e as suas possibilidades práticas, influenciando a estruturação e reestruturação de *habitus* individuais e sociais correspondentes. Mesmo assim, devido à relativa autonomia possuída pelas pessoas sobre os seus condicionantes sociais, Elane conseguiu efetivar o seu *hobby* preferido, iniciando a prática futebolística na rua entre os meninos. Aliás, esse início, na rua ou, em alguns casos, nos campos de várzea, entre os meninos, parece caracterizar a trajetória de várias jogadoras. (MORAES, 2012, 2014).

O seu talento foi crucial para a subversão das barreiras de gênero, pois, além da aceitabilidade, os meninos a escolhiam de forma prioritária na divisão das equipes. Por meio desta constatação, reafirma-se aqui a inferência efetivada por Gabriel (2015) de que a competência é uma das armas mais poderosas das mulheres no combate ao preconceito de gênero relacionado ao futebol.

Por consequência das condições dos anos 80, momento em que o subcampo futebolístico feminino passava por um processo de reestruturação, pois a legislação que outrora proibia a prática do futebol pelas mulheres acabou revogada, impulsionando a estruturação de

instituições, de competições e de equipes, sobretudo no Rio de Janeiro (RJ), e da habilidade demonstrada, Elane passou a compor o elenco do São Cristóvão (RJ). Antes de ser contratada pelo Esporte Clube Radar (RJ), equipe que possuía o maior volume de capital simbólico a época, e convocada para a seleção brasileira, que disputou o Mundial de 1982, ela ainda passou pelo Bonsucesso e pela Portuguesa, ambos do RJ.

Após o mundial, Elane continuou sendo convocada para a seleção. Entretanto, a sua vinculação clubística foi transferida ao futebol paulista, onde atuou por três equipes consideradas tradicionais, Santos, Corinthians e São Paulo. Após o boom do futebol feminino na década de 80, a modalidade novamente foi estagnada, sobretudo no RJ, mediante o encerramento de equipes, departamentos e competições. Todavia, na segunda metade da década subsequente, esta foi novamente fortalecida em função dos efeitos da quarta colocação obtida pelas mulheres na Olimpíada de Atlanta, ocorrida em 1996.

A Sport Promotion, empresa especialista em marketing esportivo, e gestora da seleção feminina entre 1994 e 1999, organizou, em associação com a Federação Paulista de Futebol (FPF), o primeiro campeonato regional oficial do estado de SP, disputado em 1997. A competição reuniu oito equipes, Corinthians, Mackenzie, Palmeiras, Portuguesa, Santos, Juventos, São Paulo e USP. (PINHEIRO, 1997). Ainda que as disputas tenham prosseguido, alguns times foram desativando as suas equipes de maneira paulatina, diminuindo as possibilidades de várias jogadoras, entre elas, a própria Elane. Conforme ela salientou:

Estava no São Paulo quando acabaram com o time e minha vida parou. Tive que voltar para o Rio. Minha vida virou de cabeça para baixo.

Precisava dar uma estabilidade à minha vida quando decidi largar tudo e tentar algo diferente. A única coisa que sabia fazer era dirigir. Tirei a carteira “D” e decidi virar motorista de ônibus. Apareceu uma oportunidade, fiz um teste e virei motorista. (OLIVEIRA, 2015, p. B13).

O futebol feminino brasileiro não proporcionava uma estabilidade financeira para as jogadoras nas décadas de 80 e 90, inclusive para as que adquiriram um capital simbólico significativo neste campo, como foi o caso de Elane. Assim, após o término da carreira ela precisou internalizar novas disposições ao seu *habitus* para praticar outra profissão, “motorista de ônibus”, e assim estabilizar a sua vida. Os resultados sistematizados por Moraes (2012, 2014) coadunam com a inferência supracitada. A autora analisou as trajetórias de vida de três jogadoras, Ivonete, Neuma e Solange, nascidas na cidade de Feira de Santana, estado da Bahia (BA), atuantes nos futebolis baiano e paulista entre os anos 80 e 2000. Apesar da distinção quanto ao êxito alcançado, Solange obteve maior visibilidade e capital econômico devido à integração a seleção brasileira, após o encerramento das suas carreiras ambas precisaram praticar outra profissão para conseguirem a manutenção das suas subsistências.

Diante das realidades construídas pela cobertura esportiva do jornal até o mês de maio, constatou-se que houve uma invisibilidade de abordagens referentes à temática seleção brasileira. Por exemplo, a preparação em regime permanente para a disputa da Copa do Mundo, situação ocorrida em outros momentos.

Segundo Gabriel (2015), o caderno de esporte da Folha de S.Paulo não apresentou linearidade quanto à efetivação de coberturas do processo preparatório da seleção feminina para a disputa das seis edições anteriores do Mundial. Entre 1991 e 2011 o veículo oscilou entre a invisibilidade, pequenas menções e acompanhamentos mais densos dessa etapa.

Somente na data em que a sétima edição da Copa do Mundo feminina teve início, 6 de junho, as abordagens acerca da temática seleção brasileira foram efetivas. Uma das matérias publicadas noticiou o seguinte: “A seleção brasileira, comandada pelo técnico Oswaldo Alvarez e que tem Marta, cinco vezes melhor jogadora do mundo, como estrela, estreia na terça [9 de junho], às 19h, contra a Coreia do Sul. O Brasil ainda pegará a Espanha e a Costa Rica.” (MESMO..., 2015, p. D11).

Ao contrário do que aconteceu nas coberturas esportivas do jornal precedentes às estreias da seleção feminina nos outros Mundiais, desta vez não houve o apontamento de qualquer expectativa sobre a participação da equipe, em 2015, apenas o informativo das suas adversárias na fase inicial da competição. Em nova estreia, o Brasil venceu a Coreia do Sul (2 x 0), gols de Formiga e Marta. No dia seguinte, uma notícia construiu a realidade do acontecimento por sua via performática. Esta resgatou o retrospecto coincidente das estreias brasileiras vitoriosas em Copas do Mundo, e destacou, de maneira objetiva, como preceitua o manual de redação da Folha de S.Paulo, o feito de Marta, que assumiu a artilharia geral dessa competição no tocante ao gênero feminino.

A seleção brasileira feminina manteve a tradição de estreiar na Copa do Mundo com vitória sem sofrer gols ao bater a Coreia do Sul por 2 a 0, em Montreal, no Canadá, pelo grupo E, repetindo feito das outras seis edições da competição.

Comandada pelo técnico Vadão, a seleção brasileira abriu o placar com a experiente Formiga, 37, após erro da defesa coreana. Marta fez o segundo de pênalti e assumiu a artilharia em mundiais femininos, com 15 gols. (BRASIL..., 2015, p. B8).

Ainda que não tenha destacado de maneira eufórica, aspecto que pode estar relacionado ao declínio performático individual de Marta, a potencialização dos feitos da jogadora pelo jornalismo esportivo do jornal retroalimenta o seu *status* de ídolo do futebol feminino brasileiro. Mas o que é um ídolo? Segundo Morato, Giglio e Gomes (2011), a palavra ídolo vem do grego *eidôlon* e significa imagem. Imagem estabelecida pela significância dos feitos de alguém. A importância desses feitos está relacionada à categoria tempo e espaço. Tempo em relação à realização de atos significantes, ao momento de legitimação de tal *status* e a sua retroalimentação, e espaço em relação ao onde cada imagem é construída, para quem ela é modelo e quais os limites dos seus efeitos.

E um ídolo futebolístico? Segundo Giglio (2007), o ídolo futebolístico é aquele(a) que no decorrer do tempo consegue se tornar protagonista e/ou referência da sua equipe, efetivando outros feitos de maneira articulada, como obter recordes de partidas disputadas e de gols, pela sua representação ou pelos campeonatos disputados, entre outros. Assim, cria raízes com a história do clube/seleção e do esporte em questão além da identificação com os torcedores.

O argumento de Freitas Junior e Gabriel (2014) complementa a interpretação e a contextualização anterior. Para os autores, além da efetivação de feitos pelos jogadores(as), estes precisam ser potencializados pelos veículos de comunicação, sobretudo pelos que dispõem de um volume de capital simbólico bastante grande, pois estes têm o poder de influenciar o *habitus* social referente a condição daquele enquanto ídolo.

Antes do segundo jogo, Brasil *versus* Espanha, foi publicada uma matéria. Esta potencializou a imagem da Formiga e também retroalimentou o seu *status* de ídolo futebolístico, destacando que ela era uma das “referências” da seleção brasileira.

Aos 37 anos e a sexta Copa do Mundo no currículo, Miraildes Maciel Mota, a Formiga, é uma das referências da seleção brasileira feminina de futebol, que pega a Espanha neste sábado (13), em Montreal, no Canadá.

Quarta jogadora mais velha da competição [...] a volante foi o destaque da vitória do Brasil sobre a Coreia do Sul, na terça (9), por 2 x 0. Ela marcou o primeiro gol e sofreu o pênalti convertido por Marta na estreia do torneio. (COSENZO, 2015, p. B15).

No entanto, ao contrário da potencialização da imagem de Marta, aqui foram reiteradas outras características, mais especificamente a experiência relacionada ao tempo de permanência na seleção brasileira e a idade avançada, além do destaque isolado na partida inicial da Copa do Mundo. Desta forma, infere-se que as atletas que não são caracterizadas pelo talento genial também podem atingir a condição de ídolo por meio de comportamentos referenciais, como cuidados com a saúde e a dedicação aos treinos, geradores de longevidade esportiva.

Tal aspecto acaba materializando algumas tipologias de ídolos futebolísticos femininos. Ao tratar dessa relação, mas no futebol masculino, Helal (2003) identificou a existência de dois tipos de ídolos distintivos, os talentosos e os esforçados, os quais têm as suas imagens potencializadas pela mídia de uma maneira geral em função das características dispostas, situação que reforça ainda mais as suas distinções.

O Brasil venceu a Espanha (1 x 0) no dia 13 junho, gol de Andressa Alves. No dia subsequente ao jogo uma matéria construiu a realidade do acontecimento por sua via performática, destacando dois dos seus efeitos. O primeiro foi a classificação antecipada da seleção para as oitavas de final, e o segundo foi o desempenho ruim de Marta articulado com o adiamento do seu recorde de gols em Copas do Mundo.

A seleção brasileira de futebol feminino precisou de apenas dois jogos para garantir a classificação para as oitavas de final da Copa do Mundo de futebol feminino, disputada no Canadá.

Com um gol de Andressa Alves, aos 43 min do primeiro tempo, o time comandado por Osvaldo Alvarez, o Vadão, derrotou a Espanha neste sábado (13), por 1 a 0, em Montreal.

Apesar da vitória, Marta não apresentou um bom futebol neste sábado. A meia da seleção brasileira foi bem marcada e pouco fez em um jogo muito duro diante das espanholas.

Como passou em branco, Marta adiou um novo recorde em sua carreira. Caso a brasileira faça mais um gol na competição, ela se torna a maior artilheira da história das Copas do Mundo, tanto no futebol masculino quanto no feminino, junto com Miroslav Klose, da Alemanha. (SELEÇÃO..., 2015, p. B3).

Antes do enfrentamento subsequente, Brasil *versus* Costa Rica, dia 17 de junho, o último da fase classificatória, uma matéria resgatou a classificação brasileira antecipada, ressaltando que diante desta condição o jogo teria “[...] como atrativo a busca de Marta por uma marca histórica.” (MARTA..., 2015, p. B9). Qual seja, a artilharia geral em Copas do Mundo, recorde outrora adiado devido a atuação ruim efetivada contra as espanholas. Aqui, tal como designaram Santos e Medeiros (2012), verificou-se uma das aplicações práticas do *habitus* jornalístico esportivo, que, em algumas situações, proporciona visibilidade às disposições valorativas de uma partida objetivando gerar atratividade no público consumidor. Por fim, a matéria ainda informou que as oitavas de final começariam no dia 21, e que os EUA, a Austrália e a Nigéria eram os possíveis adversários do Brasil.

O Brasil venceu a Costa Rica (1 x 0). Encerrada a rodada, as australianas foram concretizadas como as próximas adversárias das brasileiras. Nos dias que antecederam o enfrentamento nenhuma matéria foi publicada acerca da temática. No entanto, após a derrota (0 x 1) e a conseguinte eliminação do Brasil da Copa do Mundo, duas publicações construíram estas realidades de maneiras distintas. Vejamos a primeira:

*De freguês a algoz*

A seleção brasileira, liderada por Marta, eleita cinco vezes pela Fifa a melhor jogadora do mundo, chegou ao duelo com amplo favoritismo.

O time australiano era o maior freguês brasileiro em partidas válidas por Copas do Mundo e Jogos Olímpicos [...]

Além do retrospecto positivo, o time do técnico Osvaldo Alvarez, o Vadão, fez a melhor campanha da primeira fase do Mundial, com três vitórias e sem levar um gol.

Porém, quando a bola rolou neste domingo, o que se viu foi muito equilíbrio entre as duas seleções [...]

Quando a partida já caminhava para a prorrogação, a Austrália se aproveitou da falha da goleira Luciana para fazer o gol do triunfo. (GOLEIRA..., 2015, p. B2).

A notícia, alicerçada no retrospecto dos enfrentamentos entre brasileiras *versus* australianas, e no desempenho coletivo durante a competição, ressaltou que o “amplo favoritismo” do Brasil, ausente dos noticiários antes da disputa, não foi materializado. Por conseguinte, a

partida foi marcada pelo equilíbrio técnico e tático. Mas, embasado na última frase desse trecho em associação com o título da notícia em questão, “Goleira falha, e Brasil está fora da Copa”, infere-se que, mesmo inexistindo manifestações que relativizassem a objetividade desta produção jornalística, houve o apontamento de uma culpada pela derrota, e, conseqüentemente, pela eliminação da seleção. Qual seja, a goleira Luciana.

Segundo Helal (1998), o apontamento de elementos justificadores não relacionados à superioridade técnica e tática dos adversários é algo bastante antigo e recorrente nas coberturas jornalísticas esportivas brasileiras após as eliminações masculinas em Mundiais.

Freitas Junior (2009, 2012) além de corroborar com Helal (1998), denominou essa prática de cultura da desculpa, teia materializada pelos *habitus* dos profissionais da imprensa ao longo da história das Copas do Mundo masculinas, desdobrada na tentativa de justificar ou explicar as diversas eliminações futebolísticas nacionais. Ao que parece tal prática parece ter sido transposta para a cobertura jornalística esportiva da Folha de S.Paulo, pois, como constatou Gabriel (2015), em algumas eliminações precedentes a atual, por exemplo, na de 2011, também houve o apontamento de discurso(s) explicativo(s) ou justificativo(s). Apontamentos estes, que têm, conforme detectaram Costa (2008) e Gabriel e Freitas Junior (2016) sobre as seleções masculina e feminina, a figura da individualidade ou da coletividade de jogadores(as) enquanto uma das possibilidades precípua para atribuir a culpa.

A outra matéria que abordou a eliminação brasileira construiu uma realidade distinta da anterior para o acontecimento. Abaixo do subtítulo azares, Kfourri (2015, p. B3) discursou o seguinte:

Tanto a seleção brasileira sub-20 jogou para ser campeã mundial, na Nova Zelândia, quanto a feminina mereceu ir adiante na Copa do Mundo, no Canadá. Mas a bola pune os gols perdidos contra a Sérvia e Austrália, respectivamente, castigaram os meninos e as mulheres. Verdade que, nas quartas de final, no sub-20, contra Portugal, nossos meninos foram massacrados e só se classificaram nos pênaltis porque, naquele dia, os deuses dos estádios estavam bravos com os lusitanos.

Para o colunista, a seleção feminina mereceu ir adiante na competição. No entanto, dois aspectos, o azar e os deuses futebolísticos, materializaram uma punição/castigo para as brasileiras, a eliminação precoce diante das australianas. Aqui, a explicação ou justificativa para a ocorrência dessa situação não está alicerçada na figura de uma jogadora, mas sim em alguns dos elementos estruturantes da superstição.

Segundo Daolio (2005), a superstição, bastante presente na interrelação cultural brasileira, futebolística e jornalística, é um elemento simbólico manifesto pelo *habitus* dos agentes sociais, aplicado praticamente via intenção ou atribuição de sorte ou azar em algumas situações. O autor ainda salientou que os aspectos mencionados estão alicerçados em uma visão de mundo crente de que a ordem pode ser explicada por meio de fenômenos sobrenaturais, como pode ser observado no discurso de Kfourri (2015).

Em julho, diante da eliminação da Copa do Mundo, três matérias abordaram as temáticas jogadora(s) e seleção brasileira. Estas noticiaram alguns jogos da campanha vitoriosa da equipe no PAN, alicerçadas na via performática da disputa. Sob o título “Elas *que sabem*”, foi noticiado o seguinte sobre as últimas apresentações dos futebolis masculinos e femininos, no Canadá: “No futebol, os homens sofreram para vencer o Panamá por 3 a 1 na prorrogação e ficaram com o bronze. Já as mulheres golearam a Colômbia por 4 a 0 e ficaram com o ouro.” (ELAS..., 2015, p. B2). Esta matéria expressou duas características discursivas que estiveram presentes, mas sem linearidade, na cobertura esportiva da Folha de São Paulo entre 1991 a 2011: 1. Dificuldade em analisar o futebol feminino por ele mesmo, ausentando comparações com a vertente masculina da modalidade; e 2. Atribuição às mulheres do desempenho precípua do futebol no Brasil. (GABRIEL, 2015).

Em outubro foi publicada uma notícia que abordou a temática jogadoras. Esta informou a derrota individual de Marta, que, após doze anos ininterruptos, ficou ausente da lista de candidatas à posição de melhor jogadora do mundo. Posição que, em função da significância perante o campo futebolístico feminino, e o conseqüente acréscimo de capital simbólico no *habitus* da jogadora, resultaria no reinício do seu ciclo heroico. Vejamos:

Eleita cinco vezes a melhor jogadora do mundo (2006, 2007, 2008, 2009 e 2010), a atacante brasileira Marta, 29, ficou fora da lista dos jogadores que vão concorrer ao prêmio em 2016 [...]

Neste ano, Marta, que atua pelo Rosengard, da Suécia, participou da campanha da seleção brasileira na Copa do Mundo do Canadá. O Brasil foi eliminado nas oitavas de final e a atacante marcou apenas um gol na competição [...]

A campanha decepcionante no Mundial acabou fazendo com que nenhuma jogadora brasileira aparecesse na lista das finalistas ao prêmio. (APÓS 12..., 2011, p. B9).

O conteúdo discursivo da notícia expôs a oscilação construtiva de duas realidades explicativas ou justificativas do acontecimento: 1. A *performance* individual ruim de Marta a serviço da seleção; 2. A *performance* ruim da coletividade brasileira na Copa do Mundo. Este último discurso já foi utilizado pelo jornalismo esportivo da Folha de S.Paulo, em 2012, quando, após cinco anos ininterruptos de vitórias, Marta perdeu a coroa de heroína e o título de melhor futebolista do mundo para a japonesa Homare Sawa. Tal tomada de posição está alicerçada nas vitórias relativamente individuais da jogadora no campo futebolístico feminino, a sua superioridade performática em relação às demais brasileiras e as concomitantes derrotas do Brasil nas principais competições disputadas. Desta forma, o caderno esportivo do jornal acabou posicionando-a enquanto um agente superior ao coletivo da seleção, que não materializava conquistas à altura da sua melhor jogadora. (FREITAS JUNIOR; GABRIEL; PEREIRA, 2015).

Em novembro não foram publicadas matérias abordando as temáticas seleção brasileira e jogadora(s). Já em dezembro, a imagem de Marta voltou a ser potencializada devido à conquista de mais um feito relativamente individual, a artilharia histórica da “seleção brasileira”,

superando o melhor futebolista de todos os tempos, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. Observemos:

A atacante Marta superou nessa quarta (9) o feito de Pelé e se tornou a maior artilheira da história da seleção brasileira. Ela marcou cinco vezes na goleada do Brasil sobre Trinidad e Tobago por 11 a 0, pelo Torneio Internacional de Natal, e chegou a 98 gols com a camisa amarela. Pelé, por sua vez, marcou 95 vezes durante a sua carreira de tricampeão mundial. (MARTA..., 2015, p. B11).

O feito de Marta foi efetivado durante a primeira rodada do Torneio Internacional de Futebol Feminino, evento que encerra a temporada da modalidade, no Brasil, e, em 2015, foi realizado no município de Natal, tendo as brasileiras como campeãs. Mas, o que levou o jornalismo esportivo da Folha de S.Paulo a potencializar diversas vezes a imagem de Marta no período em questão? Infere-se que uma das possíveis respostas está relacionada à necessidade de existência de um grande ídolo/herói no campo futebolístico feminino. Como as coberturas jornalísticas, sobretudo as esportivas, dispõe de um capital simbólico bastante grande perante a sociedade, atuando na reestruturação de realidades e *habitus* individuais e sociais, estas podem influenciar diretamente nesse intento editando a biografia desses agentes por meio das construções particulares. (HELAL et al., 2011). A cobertura esportiva do jornal, produtora de sentidos, parece ter contribuído constantemente para a reafirmação das disposições mencionadas no *habitus* de Marta.

### **Considerações finais**

Observando a literatura contemporânea da área que tem tratado da relação entre futebol, jornalismo e gênero como objeto científico, verificou-se que os estudos de Ferretti et al. (2011); Martins e Moraes (2007); Mourão e Morel (2005) e Salvini e Marchi Júnior (2013a) constataram que diversos veículos nacionais da imprensa, em diferente períodos históricos analisados, apresentaram como fator em comum uma baixa periodicidade/visibilidade proporcionada ao futebol feminino e de maneira preponderante as matérias publicadas destacaram supostas fragilidades femininas, representações masculinizadas das jogadoras, ou então, a espetacularização de corpos considerados belos e atraentes.

Estas disposições acabavam reforçando a visão social estigmatizada e estigmatizadora que se apresenta para com as mulheres jogadoras, descaracterizando o futebol como uma possibilidade de performance esportiva feminina. De forma geral, estes estudos demonstraram que os periódicos nacionais escritos acabam negligenciando/silenciando em suas matérias, possíveis análises da performance técnica e tática das equipes de futebol feminino, destacando os aspectos secundários que transcendem o campo de jogo e que em nada influenciam no desenvolvido da modalidade no país.

No presente estudo, o tratamento dos resultados, das inferências e das interpretações, reforçado pelo comparativo com a produção sobre a

seleção masculina, permitiu concluir que a periodicidade/visibilidade proporcionada pelo caderno esportivo da Folha de S.Paulo a seleção feminina, em 2015, foi baixa, representando 2596,55% publicações a menos. No entanto, qualitativamente as suas matérias construíram realidades ausentes de disposições preconceituosas, aproximando-se das coberturas futebolísticas do gênero masculino mediante enfoques performáticos.

Por conseguinte, entende-se que, embora ainda existam desigualdes de gênero quanto ao exercício da profissão de jornalista e visibilidade/periodicidade nas páginas dos jornais, sobretudo nas suas respectivas interfaces esportivas, aspectos que solicitam pesquisas ulteriores aplicadas a Folha de S.Paulo, este tipo de cobertura está contribuindo positivamente na reestruturação da realidade do futebol enquanto um esporte propício para ambos os gêneros. Realidade que, ao ser incorporada pelos *habitus* individual e social dos brasileiros, pode influir no aumento quanti/qualitativo das possibilidades femininas relacionadas à modalidade.

## Referências

ALMEIDA, R. S. Futebol feminino no Brasil: memória e discursos da mídia impressa. In: FAZENDO GÊNERO, IX, 2010, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2010. p. 1-8.

ALSINA, M. R. *La construcción de la noticia*. Buenos Aires: Paidós, 1989.

APÓS 12 anos, Marta fica fora de lista das melhores do mundo. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 20 out. 2015. Caderno de Esporte. p. B9.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BORELLI, V. Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: uma breve revisão de estudos. In: INTERCOM, 24., 2001, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: [s. n.], 2001. p. 1-15.

BOURDIEU, P. Algumas propriedades dos campos. In: \_\_\_\_\_. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 89-94.

\_\_\_\_\_. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1996.

BRASIL vence e segue sem tomar gol em estreias. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 10 jun. 2015. Caderno de Esporte. p. B8.

CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 1995.

COSENZO, L. Formiga, 37, lidera seleção contra a Espanha na Copa do Mundo. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 13 jun. 2015. Caderno de Esporte. p. B15.

CRISTIANO Ronaldo é o melhor pela 3ª vez e encosta em Messi. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 jan. 2015. Caderno de Esporte. p. B1.

ELAS que sabem. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 jul. 2015. Caderno de Esporte. p. B2.

DAOLIO, J. A superstição no futebol brasileiro. In: \_\_\_\_\_. *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 3-19.

\_\_\_\_\_. O drama do futebol brasileiro: uma análise socioantropológica. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Cultura: educação física e futebol*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 107-114.

FOLHA DE S.PAULO. *Manual de Redação*. São Paulo, Publifolha, 2013.

FREITAS JUNIOR, M. A. de. *No meio do caminho: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950*. 2009, 320 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

\_\_\_\_\_. Copa do Mundo de 1950: a cultura da desculpa como justificativa de um fracasso. In: \_\_\_\_\_.; CAPRARO, André Mendes. (Orgs.). *Passe de letra: crônica esportiva e sociedade brasileira*. Ponta Grossa: Vila Velha, 2012. p. 118-147.

\_\_\_\_\_.; GABRIEL, B. J. Quando o herói se torna humano: a visão do caderno de esportes da Folha de S.Paulo sobre o jogador Ronaldo na Copa do Mundo de 1998. *Tempos Gerais*, São João del-Rei, v. 3, n. 6, p. 47-66, jul./dez. 2014.

\_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_.; PEREIRA, M. C. Os discursos acerca da seleção brasileira de futebol feminino publicados pela Folha de S.Paulo durante o ano de realização dos Jogos Olímpicos de Londres. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, Espanha, n. 29, p. 1-11, jul./set. 2015.

GABRIEL, B. J.; FREITAS JUNIOR, M. A. de. De qual futebol está falando? O contraste de um símbolo nacional na Folha de São Paulo Futebol. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXVII, 2013, Natal. *Anais...* Natal: UFRN, 2013. p. 1-13.

\_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. A cobertura da Folha de São Paulo acerca da seleção brasileira feminina durante o ano de realização da Copa do Mundo da Alemanha (2011). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, XIII, 2014, Londrina. *Anais...* Londrina: UEL, 2014. p. 100-107.

\_\_\_\_\_. *A cobertura acerca da seleção brasileira de futebol feminino realizada pelo caderno de esporte da Folha de S.Paulo (1991-2011)*. 2015, 252 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

\_\_\_\_\_.; FREITAS JUNIOR, M. A. de. O discurso acerca da seleção brasileira presente na Folha de S.Paulo durante o ano de realização da “Germany World Cup”. *Rev Bras Educ Fís Esporte*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 371-383. 2016.

GASTALDO, Ê. L. “Os campeões do século”: nota sobre a definição da realidade no futebol espetáculo. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 105-124, set. 2000.

\_\_\_\_\_. Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo. *Caderno IHU Idéias*, São Leopoldo. v. 1, n. 10, p. 1-28. 2003.

\_\_\_\_\_.; LEISTNER, R. “A mais gaúcha de todas as Copas”: identidades brasileiras e imprensa esportiva na Copa do Mundo. *Interin*, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 1-16, jan./jul. 2006.

GIGLIO, Sérgio Settani. *FUTEBOL: Mitos, ídolos e heróis*. 2007, 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

GOLEIRA falha, e Brasil está fora da Copa. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22 jun. 2015. Caderno de Esporte. p. B2.

GUEDES, S. L. Subúrbio: celeiro de craque. In: DAMATTA, R. (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982. p. 59-74.

HELAL, R.; MURAR, M. Alegria do Povo e Don Diego: reflexões sobre o êxtase e a agonia de heróis no futebol. *Pesquisa de Campo*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 63-79, 1995.

\_\_\_\_\_. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998.

\_\_\_\_\_. Cultura e idolatria: ilusão, consume e fantasia. In: Rocha, E. (Org.). *Cultura e Imaginário*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998a. p. 135-150.

\_\_\_\_\_. “A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro”. *Revista Alceu*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 19-36, jul./dez. 2003.

HELAL, R. et al. A construção de um ídolo futebolístico na imprensa: estudo de caso. *ORGANICOM*, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 234-246, jul./dez. 2011.

JORGE, M. P. Futebol, sangue, suor e machismo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 jun. 2015. Caderno de Esporte. p. B14.

KFOURI, J. Corinthians categórico. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19 fev. 2015. Caderno de Esporte, p. B4.

\_\_\_\_\_. Vexame afastado. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22 jun. 2015. Caderno de Esporte. p. B9.

KNIJNIK, J. D.; VASCONCELLOS, E. G. Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In: COZAC, J. R. L. (org.). *Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte*. São Paulo: Annablume, 2003, p. 75-89.

\_\_\_\_\_. Teatro infantil, gênero e Direitos Humanos: um olhar crítico sobre as peças *Felizardo* e *O menino Tereza*. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 777-800, set./dez. 2011.

MARTA pode igualar Klose na artilharia das Copas. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 17 jun. 2015. Caderno de Esporte. p. B9.

MARTA se torna a maior artilheira da seleção. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 10 dez. 2015. Caderno de Esporte. p. B11.

MARTINS, L. T.; MORAES, L. O futebol feminino e a sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. *Pensar a Prática*, Goiás, v. 10, n. 1, p. 69-81, jan./jun. 2007.

MESMO COM CRISE da Fifa, Copa do Mundo começa no Canadá. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 6 jun. 2015. Caderno de Esporte, p. D11.

MORATO, M. P.; GIGLIO, S. S.; GOMES, M. S. P. A construção do ídolo no fenômeno futebol. *Motriz*, Rio Claro, v. 10, n. 1, p. 1-10, jan./mar. 2011.

MOURA, E. *As relações entre lazer, futebol e gênero*. 2003, 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MORAES, E. V. *As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas*. 2012, 287 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. *Fazendo gênero e jogando bola: futebol feminino na Bahia anos 80-90*. Salvador: EDUFBA, 2012.

MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005.

OLIVEIRA, F. de. De zagueira ao volante. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 17 mai. 2015. Caderno de Esporte. p. B13.

PINHEIRO, A. Começa amanhã primeiro campeonato. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 17 mar. 1997. Caderno Folhateen. p. 4.

REIS, L. Tem Copa? *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 mai. 2011. Caderno de Esporte. p. D8.

RIBEIRO, L. C. Brasil: futebol e identidade nacional. *EFDeportes*, Buenos Aires, Ano. 8, n. 56, p. 1-1. 2003.

SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre o ano de 1980-1990. *Movimento*, Rio Grande do Sul, v. 19, n. 1, p. 95-115, jan./mar. 2013.

SELEÇÃO feminina vai às oitavas do Mundial. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 jun. 2015. Caderno de Esporte. p. B3.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

TRAQUINA, N. *Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são*. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

Recebido em 11 de janeiro de 2017  
Aprovado em 5 de janeiro de 2018